

## ***Resumo dos livros “Ideias para adiar o fim do mundo” e “A vida não é útil”, do autor Ailton Krenak<sup>1</sup>***

Karla Vitória de Queiroz<sup>2</sup>  
Águida Cristina Santos Almeida<sup>3</sup>

### **Introdução**

Ailton Krenak é líder indígena, ambientalista e filósofo, sendo também um dos maiores pensadores da época. Natural da região do vale do Rio Doce, o qual encontra-se enfrentando as consequências da indústria de minérios na região, o autor trata da questão indígena ao se impor contra a ideia de que a natureza é um recurso natural a ser explorado. O discurso que apresentou na Assembleia Constituinte em 1987 foi importante para a reivindicação dos direitos indígenas.

“Ideias para adiar o fim do mundo” e “A vida não é útil” são algumas das obras do autor, sendo que ambas tratam da importância de manter uma conexão entre o ser humano e a natureza, considerando que ambos são parte de um todo. Tratam questões ambiental, social e étnica, além de duras críticas ao sistema capitalista e suas consequências, como a concentração de poder, a hierarquia que cria uma sub-humanidade (como nomeia o autor) e que exclui uma massa considerável de pessoas e povos, entre outros pontos. Essas são questões que deveriam ser estudadas por todos, de forma a reeducar na sociedade a visão dominante que exclui as minorias.

### **Do resumo**

No primeiro livro trazido em questão, Krenak apresenta como a ideia de separar a natureza da humanidade é equivocada. A obra é composta por duas palestras e uma entrevista feitas em Portugal entre 2017 e 2019, organizada em três capítulos e um posfácio escrito por Eduardo Viveiros de Castro.

Já de início, o autor pontua como a ideia de civilização apresenta-se a partir de um ideário europeu, trazendo essas ideias como um modelo (único) a ser seguido, enquanto as demais

---

<sup>1</sup>Resumo escrito em janeiro de 2024, no âmbito das atividades do PET-Economia da UFCG.

<sup>2</sup>Graduanda em Ciências Econômicas pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), integrante do Programa de Educação Tutorial (PET - Economia) e do GAACE-Grupo de Acompanhamento e Análise da Conjuntura Econômica. E-mail: karla.vitoria@estudante.ufcg.edu.br.

<sup>3</sup>Professora da Unidade Acadêmica de Economia da UFCG, tutora do PET-Economia, coordenadora do GAACE. No presente resumo atuou como revisora. E-mail: aguidasantosalmeida@gmail.com.

sociedades não eram consideradas como tal, simplesmente por serem consideradas bárbaras, ou seja, fora dos costumes europeus. Dessa forma, Krenak já inicia sua obra quebrando um mito muito divulgado ao longo dos últimos cinco séculos.

Dentro da distorcida ideia de humanidade divulgada, no início do século XXI, as chamadas instituições foram surgindo, de forma a reforçar essa suposta humanidade, mas que na verdade suscitam o uso da violência ao, por exemplo, criar as reservas locais, que nada mais serão do que amostras do que restar da Terra, sendo mais um motivo de disputa entre as sociedades. Krenak questiona como pode ainda existir tanta confiança nessas instituições, mesmo com o aparente grau no qual as contradições se colocam na atualidade.

Concluindo essa ideia, o autor apresenta sua indignação ao questionar como se autodeclarar humanidade, se a grande maioria encontra-se perdida nessa lógica criada para favorecer a modernização, uma vez que aqueles que perdem de vista suas origens acabam perdidos.

Ainda no primeiro capítulo, Krenak conta que durante uma palestra que ministrou na Universidade de Brasília (UnB), refletiu sobre o mito da sustentabilidade, que é trazido por essas instituições para tentar disfarçar os impactos causados a nós mesmos, uma vez que por mais que nos seja apresentado diariamente que a Terra e nós somos organismos separados, somos, na verdade, um só, considerando que tudo é natureza, como pontua Krenak.

Assim, aos poucos somos separados conceitualmente da Terra, e aqueles que permanecem com essa conexão passam a ser considerados uma sub-humanidade. Quem são? Os caiçaras, os quilombolas, os índios e os aborígenes. Dessa forma, incomodados com essa ligação, os supostos “civilizados” tentam cada vez mais acabar com essa conexão, resumindo a natureza a recursos naturais. A ideia contraditória por trás do termo humanidade acaba negando e atacando a diversidade.

Continuando nessa lógica, Krenak traz que 2019 foi o ano internacional das línguas indígenas, o que acaba sendo totalmente hipócrita, uma vez que de tempos em tempos uma dessas é apagada. O que resta são as línguas preferenciais para as instituições “civilizadas”, ou seja, aquelas utilizadas para propagar o desenvolvimento sustentável, ou o mito da sustentabilidade.

Perto de concluir o primeiro capítulo, o autor apresenta como o tempo traz tantas ausências no sentido de viver, mas viver fora dessa suposta humanidade. Segundo ele, enquanto alguém tiver a possibilidade de contar uma história, então assim o fim do mundo será adiado. Ele traz a perspectiva de como a resistência passada por coletivos de povos indígenas com o passar dos anos serviu para adiar o fim do mundo.

Para concluir, Krenak mostra como a ideia de que somos todos iguais é uma perspectiva equivocada, além de considerar que as diferenças devem ser uma maneira de nos atrair, e não de nos

ver como essa suposta humanidade, levando em conta que isso apenas existe para tirar o nosso foco do que realmente importa: a alegria de viver.

No segundo capítulo, a obra traz como as relações entre a política brasileira e os grupos indígenas ocorre, já deixando clara a tensão que cerca essa questão. São anos de luta desde que o país deixou de ser colônia, principalmente no que se diz sobre as terras indígenas. Todos os dias, as sociedades indígenas reivindicam sua forma de viver, lutando contra o Estado que tenta incluir a lógica em que vivem no “restante” da lógica brasileira.

Dentro desse capítulo, Krenak também relembra o crime que ocorreu no Rio Doce, que, inclusive, não é visto por seu povo como um recurso natural, mas sim como uma pessoa, chamada Watu, seu avô. Ele alerta que o acontecido não pode ser visto como um acidente, mas sim como um crime. Dessa forma, desde que o crime ocorreu, ele conta como seu povo tem de assistir o rio na situação que ficou após ficar coberto por resíduos de uma barragem de contenção, que rompeu, tudo por um projeto construído em busca de ganho econômico, mas que resultou na exaustão da natureza, como pontua o autor.

Além disso, é contemplada a forma que esse projeto tem como objetivo apagar qualquer comunidade que não esteja disposta a tratar a natureza como uma mercadoria, e como esse não deve ser temido apenas pelas sociedades indígenas, mas sim por toda a sociedade, considerando que não estamos salvando apenas os outros, mas sim a nós mesmos, pontua Krenak.

Já perto de finalizar o segundo capítulo, Krenak apresenta o significado do nome de seu povo, sendo que “kre” significa cabeça, e “nak” significa terra. Assim, tem-se claramente como a humanidade não consegue ser vista fora dessa conexão com a Terra, uma vez que são considerados “cabeça da terra”. Ele aponta que a suposta “civilização” enxerga a personalização dos elementos da Terra como um folclore ou algo do tipo, mas, na verdade, ele destaca que quando essa despersonalização ocorre, assim também o faz a permissão para que esse elemento se torne um resíduo da indústria e da extração.

No último capítulo do livro, o autor entra mais na questão “fim do mundo”. Já destaca como a humanidade, durante os últimos séculos, sempre estabeleceu como deveria ser a ordem das coisas (dentro de uma lógica capitalista, que trata a natureza como mero recurso a ser explorado), e como seria uma catástrofe caso tudo mudasse. Mas, talvez seja apenas o fim de algo que a sociedade se acostumou e criou a ideia de que tudo deveria ser sempre daquele mesmo jeito. Será que o fim será o fim mesmo, ou será apenas o fim dos prazeres a que já estamos tão habituados?

Krenak questiona por que a humanidade tem tanto medo de cair, sendo que tantas quedas já ocorreram com o passar do tempo. Uma solução apresentada pelo autor é de, ao invés de ficar sentindo medo, por que não aceitar a queda e criar paraquedas coloridos?

Ainda nesse capítulo, Krenak sinaliza sua preocupação em como até mesmo as descobertas da ciência são todas divulgadas sob uma ideologia voltada à lógica do mercado, de forma a contribuir com a manutenção da estrutura posta.

Para finalizar o capítulo, Krenak volta à questão do Antropoceno, no qual os males e desastres dessa chamada “civilização” foram ao encontro das demais comunidades através das navegações. Assim, ele finaliza lembrando que o desastre ou fim do mundo que a humanidade teme agora, também o sentiram os ancestrais, como por exemplo quando a “civilização” levou doenças para as comunidades que viviam afastadas, sendo assim o fim do mundo para aqueles que foram afetados por essas mazelas ocorre desde o século XVI. Dessa forma, enfatiza como o Antropoceno seria o desastre deste tempo.

No segundo livro abordado nessa resenha, chamado “A vida não é útil”, o autor apresenta críticas e reflexões sobre a maneira como a “civilização” têm tratado suas questões. A obra é composta por cinco capítulos, sendo esses textos organizados de palestras, entrevistas e lives entre 2017 e 2020. Além disso, apresenta discussões que envolvem a pandemia do covid-19.

Partindo para o primeiro capítulo, Krenak já inicia trazendo uma reflexão sobre a dependência das pessoas em relação à natureza. Denuncia a preocupação exacerbada em manter a economia funcionando, uma vez que não se come dinheiro. O que ele tenta é trazer a questão da humildade, lembrar que nada somos sem a natureza, e que se existimos, é porque ela também existe. Krenak derruba a ideia de humanidade que a “civilização” criou, na tentativa de reproduzir e estender a lógica de mercado, a qual produz destruição.

Traz como os âmbitos político e financeiro estão conectados hoje em dia. As grandes corporações estão por trás da governança, não existe mais o discurso revolucionário, uma vez que a concentração de poder está nas mãos de um pequeno grupo que forma essas grandes corporações. Mas, o que acontece com esse pequeno grupo caso a natureza decida que não se deve mais ter as regalias que costumam ter? Afinal, toda essa concentração de poder vem da visão de que a natureza nada mais é do que um recurso natural.

Ele ainda sugere que as micropolíticas, ou as pessoas que entram em projetos ou atividades individuais sem dependência do governo ou grandes corporações, são as que cada um deve investir. Além disso, aponta como o agro vem destruindo grande parte da conexão entre os humanos e a natureza de maneira cada vez mais acelerada.

Ele ainda diz que muitos poderiam se questionar sobre o mundo voltar a viver uma lógica agrícola, mas ele logo desmente, considerando que agricultura não é a industrialização vista na frase “agro é tech, agro é pop, agro é tudo”. Inclusive, é destruição também, sendo estas últimas, palavras de Krenak.

Nessa parte do texto, ele faz um resgate do livro discutido anteriormente, “Ideias para adiar o fim do mundo”, quando apresenta um poema, “O homem; as viagens” de Drummond, afirmando que o referido autor seria um dos paraquedas coloridos que ele cita no livro anterior ao dar a solução para não temer o fim do mundo.

Partindo para o segundo capítulo, Krenak traz uma reflexão sobre os sonhos, e diz que os vê como uma instituição, pois prepara as pessoas para o cotidiano. Ele traz um exemplo: alguns anos atrás, no Acre e em Rondônia, ele ouvia de pajés que o mundo dos brancos estava invadindo a existência deles. Ele diz que, primeiramente, ouvia esses conselhos mas não passava disso, até que começou a ter sonhos que relatavam isso também. Algum tempo depois, os sonhos se concretizaram na região. O agronegócio chegou no cerrado com sua soja.

Ele finaliza o capítulo com a ideia de que, se quisermos que o cotidiano seja uma continuação dos sonhos, e que a crise se torne uma esperança, como pontua o autor, é necessário que a bagagem incorporada até o momento seja deixada para trás, de forma que todos os males do capitalismo sejam deixados para trás também.

No terceiro capítulo, intitulado “A máquina de fazer coisas”, Krenak reflete sobre o consumismo, sobre como as pessoas insistem em inovar e produzir cada vez mais, mesmo sabendo que aquele desejo por um carro novo de última geração nada mais é do que consumismo. Você não precisa daquilo, tem a mesma função do anterior, mas você quer.

Ele pontua que alguns amigos que estudam a história da filosofia e da tecnologia contam que o ser humano passou a separar sua “humanidade” da natureza no momento em que descobriu a técnica. E, a partir daí, ele começa uma reflexão sobre o consumismo e as demais consequências.

Durante o capítulo, ele ainda questiona que, durante a pandemia, a maioria das pessoas ouviu o “fique em casa”, então por que elas não podem ouvir os pedidos para que a agressão à Terra termine?

Krenak critica o capitalismo e a forma que este cria desigualdades. E, ainda relembra que, anteriormente, as ferramentas usadas pelos antepassados não eram capazes de extinguir a Terra, até porque eram utilizadas por seres que não viam a Terra como um recurso natural. Ao finalizar o capítulo, Krenak reflete que a cura do planeta é justamente os povos que vivem atualmente como os antepassados, que não eram reféns da industrialização.

No penúltimo capítulo, chamado “O amanhã não está à venda”, Krenak lembra como, durante a pandemia, alguns afirmavam que a economia não podia parar, subtraindo a vida de milhares de pessoas. Krenak crítica essa ideia, afirmando que a economia é uma atividade que depende dos humanos, então se os humanos estiverem ameaçados, não faz sentido permanecer com a fixação na economia, sem parar a máquina.

Dito isso, o autor também analisa como a covid-19 veio também para mostrar que independente de ser rico ou pobre, o amanhã não está à venda. O vírus atingia desde o rico até o pobre. Considerando o que foi apresentado, ele lembra que não adianta pensar no futuro, pois o futuro é agora, seja para os ricos ou para os pobres.

Em “A vida não é útil”, como decidiu nomear o último capítulo, Krenak critica a inquietação da “civilização” em relação a tornar o viver útil. Atualmente, tudo o que os humanos decidem fazer precisa ter alguma utilidade, ou então é perda de tempo. Ele sugere que devemos viver em silêncio, em um silêncio interior. Ele nos convida a viver a conexão que existe entre nós e a natureza.

Durante o capítulo, ele também pontua que o povo Krenak optou por permanecer nas margens do rio mesmo com as consequências do desastre. E então ele pontua a importância de viver as experiências dos desastres também, e não apenas do silêncio. Segundo ele, viver esses momentos nos permite enxergar verdadeiramente a importância de viver.

Dessa forma, é assim que finaliza mais um livro (p. 116): “Nós, Krenak, decidimos que estamos dentro do desastre, ninguém precisa vir tirar a gente daqui, vamos atravessar o deserto, temos que atravessar. Ou toda vez que você vê um deserto você sai correndo? Quando aparecer um deserto, o atravesse”.

Ambas as obras de Ailton Krenak são de extrema importância para que a sociedade pare e pense sobre a maneira que está vivendo. É incrível a forma como ele consegue trazer temas do cotidiano através de parábolas, e como um livro parece ser continuação do anterior. No primeiro, você pensa que ele apenas vai apresentar as soluções que ele julga certas para adiar o fim do mundo, mas ele consegue abrir uma discussão rica e apresentar outro significado para a expressão o termo “fim do mundo”. No segundo livro, ele traz ainda mais informações sobre a forma que vive e como a sociedade que se julga civilizada, na verdade, apresenta mais problemas e inquietações do que a suposta sub-humanidade.

Ao realizar a resenha, a impressão é a de que você vai acabar transcrevendo cada frase do autor de tão espetaculares que são as reflexões presentes nos livros. Não é um ponto de vista comum na mídia, então realmente desmente muitos mitos, como por exemplo o mito da sustentabilidade. A questão ambiental passa a ser vista com outros olhos. A leitura dos dois textos nos faz questionar a relação que temos com a natureza e a forma que vemos isso. Todos deveriam ter acesso a esse tipo de leitura, de forma a reeducar o ponto de vista dominante sobre as questões ambiental, social e étnica, além de trazer o entendimento de que a nossa solução está com os povos originários (temos muito o que aprender com eles).

**Referências dos livros:**

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.